

CIMATTI, Felice. Conceitos e significados. Saussure filósofo da linguagem. *ReVEL*, edição especial, vol. 20, n. 19, 2022. Tradução de Rafael Ferreira da Silva e Hiáscara Sales de Barros [www.revel.inf.br]

CONCEITOS E SIGNIFICADOS. SAUSSURE FILÓSOFO DA LINGUAGEM¹

CONCEPTS AND MEANINGS. SAUSSURE PHILOSOPHER OF LANGUAGE.

Felice Cimatti²

felice.cimatti@gmail.com

1. SEMÂNTICA E PSICOLOGIA

Em um mundo mais simples do que esse onde, por acaso, vivemos, toda palavra, por exemplo, o substantivo da língua italiana “amore”, refere-se a um determinado objeto, independente do que seja, e **somente** a ele. Neste mundo mais simples do que o nosso, para cada signo há somente um objeto correspondente, e vice-versa. É, de fato, um mundo muito simples. Neste mundo, nos departamentos de Filosofia das universidades (contando que a filosofia ainda sirva em um mundo tão simples, e que seja útil, sobretudo, a filosofia da linguagem), a **semântica** – isto é, a disciplina que se ocupa do significado das expressões linguísticas – seria uma disciplina como outra qualquer.

Quem pensou exatamente assim foi, entre outros, o grande linguista estadunidense Leonard Bloomfield, que, de fato, desenvolveu uma Linguística radicalmente comportamentalista (para o comportamentalista, não existem pensamentos invisíveis, existem apenas comportamentos concretos e

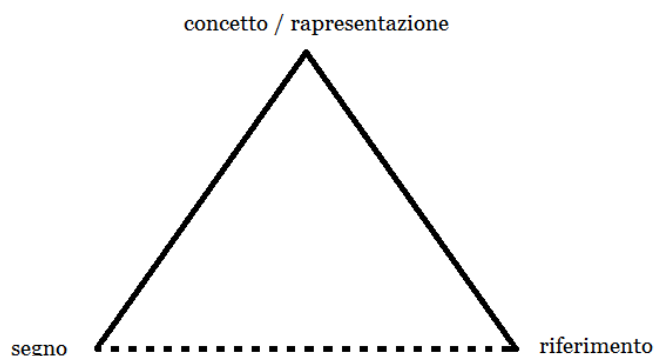
¹ Texto traduzido do original de 2010, “Concetto e significato. Saussure e la natura umana”, publicado na *Rivista Italiana di Filosofia del Linguaggio*. A **ReVEL** agradece a gentileza de Felice Cimatti e dos editores da revista por autorizarem a publicação desta tradução do texto para o português nesta edição especial (N. E.).

² Università della Calabria.

mensuráveis), que - consequentemente - define a noção semântica fundamental, o significado, de uma forma bastante precipitada: “*in practice, we define the meaning of a linguistic form, wherever we can, in terms of some other science*” (Bloomfield 1933: 140). Como, por exemplo, o significado do sintagma nominal da língua italiana “sal de cozinha” é exatamente a fórmula química do cloreto de sódio, NaCl. Não há necessidade de semântica no sentido próprio, de uma abordagem como a de Bloomfield: há as palavras por um lado, e os objetos do mundo aos quais as palavras se referem, objetos estudados e definidos pelas várias ciências (como a química para o sal): “*we can define the meaning of a speech-form accurately when this meaning has to do with some matter of which we possess scientific knowledge*” (ivi: 139).

Neste mundo mais simples que o nosso, não há necessidade da semântica, porque as palavras são *apenas* etiquetas, como as plaquinhas das bancas de legumes na feira, onde os preços dos diversos produtos são escritos a giz; por exemplo, são as “abobrinhas” que nos interessam, as escritas. Agora, será dito que o mundo que imaginamos é realmente simples demais, e não é necessário assumir a posição ingênua, e até mesmo banal, de Bloomfield, que é afinal um linguista, e não um filósofo (mas o problema não é que Bloomfield tenha sido um linguista, mas porque foi um linguista inspirado por uma má filosofia). Pois bem, podemos imaginar um mundo um pouco menos simples do que este, um mundo em que a semântica, no entanto, continua a ser uma disciplina, de fato, que não tem um objeto próprio. Neste outro mundo, que na realidade parece aquele no qual se reconhecem tantos psicólogos e também muitos filósofos (mais recentemente, por exemplo, aqueles que se reconhecem nas ciências cognitivas), o significado de uma palavra não é diretamente o objeto que essa palavra indica, mas (também, ou somente) o **conceito** ou a **representação** que, na mente da pessoa que usa e compreende essa palavra, fica **entre** ela e o objeto (o chamado **referente**). Para Noam Chomsky, o fundador da abordagem cognitiva para o estudo da linguagem, por exemplo, “*the acquisition of vocabulary is guided by a rich and invariant conceptual system, which is prior to any experience*” (Chomsky 1988: 32). O significado não é diretamente o objeto ao qual a palavra se refere, como Bloomfield acreditava em modo simplório; as palavras são mais “*labels*” que “*a particular language uses for the concepts*” (ivi: 33). De acordo com Chomsky, o pensamento - o *conceito* de um objeto - é *separado* de sua

expressão. Quem aprende a falar “*somehow has the concepts available before experience with language and is basically learning labels for concepts*” (ivi: 28).



Este modelo é esquematizado no clássico triângulo semiótico:

Fig. 1. O tradicional modelo representacional do signo

O signo se refere ao objeto (à referência) através da mediação necessária do conceito; o signo, de fato, representa um conceito, e então eventualmente um objeto. Enquanto para Bloomfield, a semântica se dissolve nas diversas ciências que lidam com os diversos objetos indicados pelos signos linguísticos, com Chomsky, a semântica coincide com a psicologia, ou seja, com a ciência dos conceitos. Para ambos, a semântica propriamente não existe, se entendermos pelo termo “semântica” a ciência que tem por objeto o significado **linguístico**. É somente com Saussure que este modelo entra em crise, e é então com Saussure que a semântica **pode** finalmente se tornar uma disciplina autônoma, mas ao mesmo tempo uma disciplina muito diferente daquelas com as quais ainda hoje estamos acostumados (para as ciências cognitivas, a frente mais avançada no estudo da mente, o triângulo semiótico é algo óbvio, que não vale a pena discutir). Com Saussure, a semântica se desprende da psicologia, e o significado se torna uma entidade **exclusivamente** linguística. Neste trabalho, procuraremos explorar as consequências desta separação não apenas para o estudo das línguas e da linguagem, mas também, em particular, as consequências que ela gera no quadro geral da natureza do animal humano, o animal que fala. Em essência, neste trabalho leremos Saussure como um filósofo.

2. O “PHYSIOLOGIQUE” E O “PSYCHIQUE”

Por que a semântica **deve** se distinguir da psicologia? Em uma entrevista em 6 de maio de 1911 ao seu aluno Léopold Gautier, Saussure coloca esta distinção com base em uma exigência lógica, antes mesmo de ser empírica: “*la langue est distincte de la parole. Ceci ne sert qu’à dépouillier le problème de tout ce qui est physiologique. Il ne reste ensuite qu’une matière purement psychique*” (Saussure 2006b: 43). Qual é a diferença lógica, de modo preciso, entre o que é “physiologique” e o que é “psychique”? O “physiologique” é o que pertence a **este** cérebro **aqui** e **agora**, um cérebro que faz parte de um corpo cujos dedos das mãos estão digitando **neste** computador **neste exato momento**. O que é “physiologique” é de fato privado, limitado, é algo que diz respeito a **um** e **somente a um** corpo, *este* corpo. Mas cuidado, a distinção que Saussure coloca é ainda mais profunda, e paradoxal: na verdade, o “physiologique” não tem nada a ver com o campo da semântica. Os dedos deste corpo digitam em um teclado de computador; eles teclam em sequência, digamos, a série de letras “a”, “l”, “m” e “a”. Esta sequência, colocando-nos somente na perspectiva **deste único** corpo, não é um signo, não significa nada. E não é exatamente um signo porque o que é exclusivamente “physiologique” é, de fato, isolado e privado. É este corpo, que não precisa de nenhum outro corpo. É como se um chimpanzé estivesse digitando; para ele, as sequências que aparecem na tela não são signos, não têm nenhum valor semântico. Um signo tem um significado, qualquer que seja esse significado, mas esse significado **não** é intrínseco à matéria desse signo, à eletrônica dos pixels que acendem no monitor ou à tinta da palavra com que escrevemos em uma folha de papel. É por esse motivo que o “physiologique” está **além** da semântica, porque o corpo por si só, precisamente por ser único, não pode usar um signo, porque o significado não é uma entidade que pode existir isoladamente, porque o significado de um signo não está dentro da matéria da qual ele é composto. Mas o campo do “physiologique” só tem acesso a esta matéria.

Porém o signo, para o defensor do modelo representacionista da Fig. 1, é signo de um conceito, e o conceito é exatamente o significado que estamos procurando. O problema, na realidade, não muda, porque o conceito que está na

mente limitada do chimpanzé, ou na de um ser humano, continua privado e incomunicável, ou seja, permanece confinado no “physiologique”. Posso pensar que “alma” signifique o conceito que tenho em **minha** mente, mas o amigo com quem estou falando pensará exatamente o mesmo sobre o **seu** conceito de “alma”: o meu “physiologique” é irrevogavelmente **diferente** do dele, assim como dois cérebros humanos são diferentes entre si. Por isso, “*la langue est distincte de la parole*”, porque na “parole”, ou seja, no **ato linguístico individual**, se está no campo do “physiologique”, e nesta área nenhuma comunicação é possível. Cada evento “physiologique” é completamente individual e privado, cada evento “physiologique” é irremediavelmente diferente de todos os outros eventos “physiologique”; uma diversidade tão radical a ponto de impossibilitar a comunicação. A comunicação só é possível se passarmos do nível individual e privado do “physiologique” para o do “psychique”, que é exatamente o campo da “langue”; a semântica, começamos a entender, tem uma ligação indissolúvel com a sociedade dos falantes. Para Saussure, o signo linguístico é uma entidade que tem uma natureza dupla, e de certa forma contraditória: é um signo, ou seja, é uma unidade, mas é uma **unidade** composta de *dois* elementos inseparáveis. O signo é **contemporaneamente** uno e dual: é esta tal entidade material, por exemplo, um traço gráfico ou uma sequência acústica (que, como tais, pertencem ao campo do “physiologique”), mas é também, ao mesmo tempo, um significado (que, em vez disso, entra novamente no campo do “psychique”), que, no entanto, não está contido na entidade material da mesma forma que a água na jarra:

les éléments premiers sur lesquels portent l'activité et l'attention du linguiste sont donc non seulement d'une part des éléments complexes, qu'il est faux de vouloir simplifier, mais d'autre part des éléments déstitués dans leur complexité d'une unité naturelle, non comparables à un corps simple chimique ni davantage à une combinaison chimique, très comparables si l'on veut en revanche à un mélange chimique, tel quel le mélange de l'azote et de l'oxygène dans l'air respirable; de façon que l'air n'est plus l'air si l'on en retire l'azote ou l'oxygène.
(Saussure 2002: 18)

O ar é um composto de nitrogênio e oxigênio, mas nenhum dos dois gases, tomados isoladamente, tem as características de quando estão combinados. O signo é, portanto, algo, mas algo que tem um significado, ou melhor, um valor que não encontramos em seus componentes; por esta razão, o “physiologique” não é suficiente para explicar o que é um signo, enquanto “*le signe est une fait de*

conscience pur” (ivi: 19), ou seja, o signo é uma entidade *social*. Trata-se, portanto, de entender, aqui, o que significa “psychique”. Evidentemente não pode significar conceitual ou mental (ou menos ainda, abstrato), porque o campo do mental, mesmo que o consideremos distinto do corporal, é, de qualquer forma, tal como o “physiologique”, individual e privado. Cada um, como se diz, tem os seus próprios pensamentos, que são justamente **os seus pensamentos privados**; não é possível dar conta da comunicação recíproca a partir de algo que é absolutamente individual. Como uma pessoa pode entender o que outra pessoa lhe diz se esta última atribuir um significado totalmente privado aos signos que usa? Os pensamentos, o mental, o “physiologique” são incomunicáveis. Para isso, é necessário um nível diferente além do da “parole”: é preciso um nível além do da “langue” pública. Mas qual é, então, o campo próprio do “psychique”? Saussure usa este adjetivo, por exemplo, ao analisar a dimensão **intersubjetiva** da linguagem: *“l’acte individuel quand il s’agit de langage suppose deux individus”, e esta relação pressupõe que “dans le centre associatif, purement psychique, sont mis en contact un concept verbal et une image verbale”*. (Constantin 2006: 213-214). Voltemos por um momento à Fig. 1. É claro que este modelo não pode funcionar, porque o conceito é individual e privado, e se ele tem estas características, não pode ser usado na comunicação. É por isso que Saussure não fala simplesmente de conceito (que como entidade psicológica não deixa de ser individual e incomunicável), mas de “concept verbal”, e ele não fala genericamente de sinal acústico (que seria tão privado e individual e, portanto, tão incompreensível), mas de “image verbale”. Um “concept verbal”, aquilo que mais tarde se tornará o “signifié”, é uma entidade não-mental, ou seja, não-privada, porque o que é “verbal” é público, pertence à “langue”, que é de todos, *“qui ne sera sans doute complète chez aucun individu”* (ivi: 214). Um “concept verbal”, por outro lado, é um pensamento que toma forma em uma determinada língua, um pensamento que não existe (por exemplo, como conceito determinado) antes de ser articulado através dos fonemas de uma determinada língua; o mesmo se aplica à “image verbale”, que não é um sinal tomado isoladamente (não existe tal coisa, um sinal tem um significado, caso contrário não é um sinal), mas uma certa potencialidade expressiva que se entrelaça a um “concept verbal” específico. Constantin registra em suas anotações um esquema

que pode nos ajudar a entender o que Saussure está tentando nos fazer imaginar (*ivi*: 285):

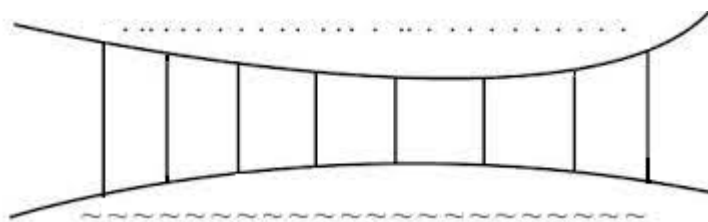


Fig. 2. A “*langue*” (“*fait linguistique*”)

Dentro do semicírculo superior, por exemplo, encontramos todas as formas possíveis de como o nosso corpo pode manifestar o que expressa e ouve: sons, gestos, movimentos corporais. Dentro do semicírculo inferior, por outro lado, vemos o conjunto de todos os conceitos em que o *Homo sapiens* pode pensar individualmente. Estes dois conjuntos são independentes, não precisam um do outro, assim como não é necessário que um grito de dor seja precedido de raciocínio, ou que um pensamento (uma imagem mental, por exemplo) seja expresso. Por este motivo, eles se enquadram no “*physiologique*” e, por este motivo, são incomunicáveis. O “*fait linguistique*” não está em nenhum destes dois campos tomados individualmente, sobretudo não está no inferior, que é, por excelência, o campo do mental, do conceitual (do “*psychologique*”, como veremos em breve). A “*langue*” é um sistema público (na Fig. 2 encontra-se, de fato, no exterior tanto dos campos individuais das expressões corporais quanto do campo conceitual) de signos; cada signo surge da união de uma certa porção de conceitual com uma porção correspondente de manifestável. É por isso que Saussure falava mais acima de “*concept verbal*”, porque esta unidade não é o resultado da soma de um conceito mais um sinal; pelo contrário, cada signo de uma língua é construído recortando uma certa porção do pensável e uma certa porção do manifestável, associando-as umas às outras.

Colocando-nos por um momento apenas do lado conceitual (não-linguístico), a operação sígnica – ou seja, a operação arbitrária que estabelece um signo – não depende de conceitos pré-existentes; como é universalmente conhecido, cada língua organiza a experiência à sua maneira. Assim, um conceito não-linguístico pode corresponder a um único significado em uma língua (o cachorro que late e abana a sua cauda é sempre um “cachorro”), ou ser dividido

em significados diferentes em uma outra (na Itália há apenas o “maiale” [porco], na Inglaterra há o “pig” quando está vivo, e “pork” quando se tornou uma costeleta), assim como uma língua pode formar um “concept verbal” a partir de vários conceitos não-verbais (como no caso das “cores”, como o azul, o verde e o amarelo, por exemplo), ou ainda um “concept verbal” pode não corresponder a nenhum conceito não-verbal (ninguém jamais viu a “liberdade”, ou seja, ninguém pode ter um conceito não-verbal desta entidade; não a vemos, mas isso não nos impede de falar sobre isso):

*Psychologiquement, que sont nos idées, abstraction faite de la langue? Elles n'existent probablement pas, ou sous une forme qu'on peut appeler amorphe. Nous [n']aurions <d'après philosophes et linguistes> probablement <pas> le moyen de distinguer <clairement> deux idées sans le secours de la langue (langue intérieure naturellement). Par conséquent, prise en elle-même, la masse purement conceptuelle de nos idées, la masse dégagée de la langue représente une espèce de nébuleuse informe où l'on ne saurait rien distinguer dès l'origine. Aussi donc réciproquement pour la langue, les différentes idées ne représentent rien de préexistant. Il n'y a pas: **a**) des idées qui seraient toutes établies et toutes distinctes les unes en face des autres, **b**) des signes pour ces idées. Mais il n'y a rien du tout de distinct dans la pensée avant le signe linguistique. Ceci est le principal. D'un autre côté, il vaut aussi la peine de se demander si en face de ce royaume des idées tout à fait confus le royaume du son offrirait d'avance des unités bien distinctes (pris en lui-même en dehors de l'idée). Il n'y a pas non plus dans le son des unités bien distinctes, circonscrites d'avance. C'est entre deux que le fait linguistique se passe. (ibidem)*

Há um pensamento conceitual não-linguístico, e há modalidades expressivas naturais, instintivas, como o choro ou o riso. Estes dois campos são independentes, e são, sobretudo, completamente individuais. Neste sentido, pertencem, respectivamente, ao campo do “psychologique” e do “physiologique”. Rejeitar-se-á, no entanto, que o grito instintivo de dor garanta, de certo modo, garanta a possibilidade da intercompreensão, justamente porque o mesmo grito em **todos** os seres humanos é instintivo. Claro, mas o grito de dor **não** é um signo linguístico. Uma criança bate numa quina e chora de dor; esta é uma expressão natural, provavelmente inata. A mesma criança, algum tempo depois, bate na mesma quina e diz: “Me machuquei”. Só se pode entender o significado do que a criança diz se se conhece o italiano. O problema é que a expressão “Me machuquei” não é a única que a criança poderia ter proferido nessa situação: por exemplo, “machuquei o joelho”, “tá doendo!”, “que droga!” teriam sido igualmente eficazes. Neste caso, o conhecimento intuitivo que podemos ter da

situação não é mais suficiente: para entender o que a criança está dizendo, é preciso conhecer o idioma que ela fala.

Um signo, portanto, é a união de duas entidades que **não** existem independentemente fora da relação entre elas, assim como não há nenhuma característica do ar respirável no nitrogênio e no oxigênio tomados separadamente. É a característica mais difícil de aceitar. O modelo representacionista é simples: **já** existe um conceito, e então neste conceito colamos uma etiqueta sonora. É isto, simples e fácil de imaginar. Saussure nos diz, ao invés disso, que as coisas não são assim. Porque Saussure parte de duas *evidências* que são indiscutíveis: **a)** as línguas diferem um do outro, frequentemente de forma radical: “*le langage de l’ensemble de l’humanité se manifeste par une diversité de langues infinie*” (Constantin 2006: 87); **b)** as línguas são aprendidas, elas não são inatas. Os falantes de línguas diferentes nos descrevem o mundo de maneiras, muitas vezes radicalmente, diferentes. Esta diversidade originária, o modelo da Fig. 1 não consegue captar. Os conceitos podem ser os mesmos para todos os seres humanos, podem ser, como Chomsky argumenta, inatos, mas o fato é que línguas diferentes falam do mundo de maneiras diferentes. Para explicar essa diversidade, a (suposta) uniformidade de conceitos não nos serve mais, pelo contrário, torna-se um obstáculo. Se houvesse apenas uma língua no mundo, se houvesse apenas **a** linguagem, talvez não houvesse realmente necessidade da semântica, e a psicologia seria suficiente. Mas como as línguas são tantas, e muito diferentes entre si, como há uma linguagem inata, mas muitas línguas aprendidas, a psicologia não é suficiente, a semântica é necessária:

il y a chez chaque individu une faculté que nous pouvons appeler la faculté du langage articulé. Cette faculté nous est donné d’abord par des organes, et puis par la jeu que nous pouvons obtenir d’eux. Mais n’est qu’une faculté et il serait matériellement impossible de l’exercer sans une autre chose qui est donné à l’individu du dehors: la langue; il faut que ce soit l’ensemble de ses semblables qui lui en donne la moyen par ce qu’on appelle la langue [...]. La langue est forcément sociale, le langage ne l’est pas forcément [...]. C’est qualche chose d’abstrait et qui suppose pour se manifester l’existence humaine. [...] Quand on a séparé la langue de la faculté du langage, on a séparé: 1°) ce qui est social de ce qui est individuel, 2°) ce qui est essentiel de ce qui est plus ou moins accidentel. (ivi: 85)

Então, o que é um signo? Vemos na Fig. 3 aqui abaixo (*ivi*: 285):

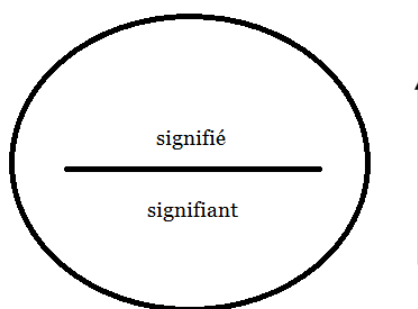


Fig. 3. O signo para Saussure

O signo, que corresponde ao “fait linguistique” da Fig. 2, é aquela entidade única e dual que já apontamos; é única, porque, de todo modo, é **algo**, uma certa entidade material (aquela que podemos perceber na “image verbale” ou no “signifiant”); é dual porque é uma dupla simplicidade, porque o “signifiant” não existe isoladamente, existe porque está conectado ao “signifié”; um se apoia no outro, não existe sem o outro (diferente do conceito, que não precisa ser expressado para existir); como escreveu De Mauro, “assim, a definição de significado implica a de signo, a definição de signo implica, por sua vez, a de significado. Não sabemos o que é o significado se não soubermos o que é o signo; mas não podemos estabelecer o que é o signo se não soubermos o que é o significado” (De Mauro 1975: 21). Na Fig. 3, há também uma seta, lembrando-nos que o signo não é uma entidade estática, subsistindo por si só, como – novamente – acontece com o conceito, que ou é inato (para Chomsky) ou apreendido, uma vez que seja estabelecido não muda mais; o signo é uma **entidade temporal**.

A situação do signo é, portanto, completamente diferente. O signo não é, propriamente, um objeto positivo, não é algo que se mantém por si só. Não o é em um duplo sentido, no seu interior e no seu exterior. Não é internamente, porque só há um “signifié” se houver também, e correlativamente, um “signifiant”. Mas não o é porque cada signo, por si só, não é algo de positivo, define-se somente em relação **aos outros signos** da língua. Na Fig. 2, pode ser visto claramente que cada signo – ou seja, cada “certaine combinaison d’une certaine quantité de concepts avec une certaine quantité de sons” (*ivi*: 285) – *ao mesmo tempo* delimita os outros signos, e é, por sua vez, delimitada por outros signos: “*qui dit forme*”, ou seja, signo, “*dit difference avec d’autres formes et ne*

dit rien d'autre" (Saussure 2002: 49). Por esta razão, não existe e não pode existir *um* signo, enquanto um conceito ou grito inarticulado pode existir: assim como o primeiro não precisa de outros conceitos para ser identificado, o segundo não se organiza com outros gritos inatos. Pelo contrário, um signo *sempre* pressupõe outros signos (no mínimo, um outro; dito de outra forma, a série sígnica começa com o número dois): um "sème", isto é, um signo "*dépend dans son existence de tout l'entourage parasémique*" (ivi: 108):

ainsi, dans une langue composéé au total de deux signes, ba et la, la totalité des perceptions confuses de l'esprit viendra NÉCESSAIREMENT se ranger ou sous ba ou sous la. L'esprit trouvera, du simple fait qu'il existe une différence ba/la et qu'il n'existe pas d'autre, un caractère distinctif lui permettant régulièrement de tout classer sous le premier ou sous un des deux chapitres. (ivi: 88)

O esquema que Saussure propõe, então, é completamente diferente do atomístico que vimos na Fig. 3. Trata-se agora de compreender o aspecto diferencial e negativo de cada signo no interior do sistema geral de signos, a língua:



Fig. 4. O sistema diferencial dos signos

Aqui, cada signo se define não por ser uma entidade positiva, subsistindo por si só, mas porque **é diferente** dos outros signos com os quais está em relação: "la valeur d'un mot ne résultera que de la coexistence des différents termes" (Constantin 2006: 281). O esquema de Saussure é mais complexo, pois a Fig. 4 pode sugerir que cada signo esteja conectado apenas a dois outros signos, como se o próprio sistema fosse representável como uma linha unidimensional. Na verdade, para Saussure, cada posição do sistema fica na intersecção de dois eixos, de modo que, de fato, cada signo é apenas a intersecção paradoxal de dois conjuntos de diferenças: o "valeur" de um signo, ou seja, seu significado ou *uso* (Saussure 2002: 28), "*est <éminemment> synonyme <à chaque instant> de terme situé dans une système <de termes similaires>, de meme qu'il est <éminemment> synonyme à chaque instant de chose échangeable <contre un*

objet dissimilaire>” (Saussure 2006a: 280). Onde estes dois conjuntos de semelhanças e diferenças se cruzam, em um lugar sem substância, puramente negativo, está o signo: “*la seule chose <indiscutable> est que la valeur va dans ces deux axes, est déterminé selon ces deux axes concurremment*” (*ibidem*).

Trata-se de um ponto a salientar, o caráter intrinsecamente – metafisicamente – negativo da linguagem (Cimatti 2015). Para Saussure, cada signo, na realidade, não se refere de fato a algo positivo (o objeto NaCl para ‘sal’, como pensava Bloomfield), na verdade sua referência é puramente diferencial e negativa: um signo, ou seja, não diz ‘a’, diz ‘não-b’, ‘não-c’, ‘não-d’ e assim por diante, diferenciando-se. Não diz o que há, mas diz o que outro signo poderia ter dito em seu lugar. A referência do signo assim se desvanece no campo da pura possibilidade, já que a sua presença é marcada apenas como diferença em relação aos outros signos que poderiam ter sido utilizados em seu lugar: “*FORME = Non pas une certaine entité positive d’un ordre quelconque, et d’un ordre simple; mais l’entité à la fois négative et complexe: résultant (sans aucune espèce de base matérielle) de la différence avec d’autres formes COMBINÉE avec la différence de signification d’autres formes*” (Saussure 2002: 36). Atualmente é difícil subestimar o impacto cognitivo, e existencial, de um sistema semiótico desse tipo sobre os corpos e mentes dos seres humanos. A vida de qualquer animal está sempre em contato direto com as entidades presentes do mundo; pensar através de uma língua, por outro lado, significa perder qualquer relação direta com o mundo. O que está em jogo não é mais o que existe, mas o que não existe:

On ne se pénétrera jamais assez de l’essence purement négative, purement différentielle, de chacun des éléments du langage auxquels nous accordons précipitamment une existence: il n’y en aucun, dans aucun ordre, qui possède cette existence supposée – quoique peut-être, je l’admits, nous soyons appelés à reconnaître que, sans cette fiction, l’esprit se trouverait littéralement incapable de maîtriser une pareille somme de différences, où il n’y nulle part à aucun moment un point de repère positif et ferme. (ivi: 64-65)

3. LÍNGUA E NATUREZA HUMANA

Vamos tentar resumir o que analisamos até agora. O signo não tem uma existência positiva. O conceito sim, mas o signo não expressa um conceito, o signo é a união de um “signifié” e de um “signifiant”, que por si só não são entidades positivas, mas sim porções conjuntas da matéria de tudo o que pode ser pensado e tudo o que pode ser manifestado com o corpo. A ligação entre estas duas entidades inconstantes e fugazes é garantida por sua coexistência com os outros signos do sistema (dito de forma simples: sem signo **não há** “signifié”, nem “signifiant”); todo signo é mantido no seu lugar, por assim dizer, por todos os outros signos, e vice-versa. O sistema como um todo, a língua, mantém-se junto na medida em que é utilizado. Um certo falante usa uma certa expressão, e o sentido dessa expressão é estabelecido – por diferença – por sua relação com outras expressões que poderiam ter sido usadas em seu lugar. Por esta razão, o falante não tem nenhum poder sobre a língua, ele não pode ter, senão ninguém poderia entendê-lo: o signo, de fato, “*n’est pas arbitraire au sens de dépendant du libre choix de l’individu. [...] Une société entière ne pourrait changer le signe, car l’héritage du passé lui est imposé par les faits d’évolution*” (Constantin 2006: 220). Cada falante se coloca assim na intersecção de três eixos (potencial, individual, social):

a) a “*faculté du langage articulé [...] découverte de Broca*” (ivi: 213), que, todavia, não é absolutamente autossuficiente para que haja atividade linguística efetiva, pois nenhum ser humano fala a linguagem: “*ce qui est certain, même si cette faculté nous est donnée naturellement nous ne pouvons l’exercer sans qu’elle reçoive d’une masse sociale*”, a “*langue*” (ibidem). Como vimos acima, é por esta razão que as línguas são aprendidas e que existe uma diferença lógica entre semântica e psicologia. Neste sentido, Saussure é claro:

nous avons parlé d’instinct du langage. Nous aurions dû dire: Y a-t-il une fonction naturelle du langage? Qu’elle soit naturelle ou non, - la langue demeure comme l’outil nécessaire à la faculté du langage. [...] [L]a langue c’est la partie sociale du langage. (ivi: 215)

Para voltar à distinção que examinamos na seção anterior, a “*faculté du langage articulé*” não está nem no campo do “*physiologique*”, nem no do “*psychique*”. Na verdade, não é nem individual nem social, é uma **potencialidade** biológica, que em si não tem conteúdo;

b) a faculdade precisa tomar corpo, literalmente, em uma determinada individualidade, porque “*c’est quelche chose d’abstrait et qui suppose pour se manifester l’existence humaine*” (ivi: 85). No corpo humano que toma a palavra, no campo individual do “*physiologique*”, no campo da “*parole*”, a linguagem adquire um primeiro grau de realidade. Mas se trata, paradoxalmente, de uma realidade demasiadamente individual e, por esta razão, incomunicável. Aqui estamos no contexto tanto do “*physiologique*” – o conjunto de manifestações corporais – quanto do «*psychologique*», ou seja, os pensamentos e as imagens próprios da “*existence humaine*” individual. Por mais que seja necessário, o corpo individual ainda não é suficiente para dar conta do “*fait linguistique*”. O que é precisamente um **fato**, enquanto as manifestações sígnicas do corpo individual ainda não o são, porque um “*fait linguistique*” é público, e é portanto um fato **linguístico** (isto significa, mais uma vez, que um signo individual ou não é signo, ou não é individual);

c) a compreensão só se torna realmente praticável no espaço intermediário entre a potencialidade biológica (linguagem) e a realidade individual (*parole*). É o espaço da língua, que justamente por não ser individual, é o lugar da **possibilidade** de compreensão mútua. A “*langue*”, diz Saussure, “*c’est un “produit social” que deve ser diferenciado do “jeu de l’appareil vocal qui, lui, est une action permanente*” (ivi: 86). O funcionamento do aparelho vocal representa uma condição necessária para que haja uma língua, mas não é de modo algum suficiente, precisamente porque é “*une action permanente*”; A **parole** é sempre falada, ou não é “*parole*”. A *langue*, por outro lado, tem uma existência própria, distinta da do falante individual. A *langue* é então

un “produit social”: on peut se représenter ce produit d’une façon très juste [...] en prenant ce qui est virtuellement dans le cerveau d’une somme d’individus <appartenant à une même communauté> même à l’état de sommeil; on peut dire que dans chacune de ces têtes se trouve tout le produit que nous appelons la langue. On peut dire que l’objet à étudier, c’est le trésor déposé dans notre cerveau à chacun, ce trésor, sans doute, si on le prend dans chaque individu, ne sera nulle part parfaitement complet. (ibidem)

A *langue* é “*un ‘produit social’*”, porém, não no sentido de que seria a soma aritmética dos conhecimentos linguísticos de todos os falantes. Este é um ponto importante e decisivo para entender a posição de Saussure. Imaginemos que existem somente duas pessoas que falam uma determinada língua L, o falante *p1* e o falante *p2*. No cérebro de *p1*, há um certo conjunto *c1* de conhecimentos

linguísticos; no cérebro de *p2*, haverá, ao contrário, o conjunto *c2* de conhecimentos linguísticos. Agora, os corpos de *p1* e *p2* são diferentes, portanto aparelhos vocais e auditivos diferentes, assim como cérebros diferentes: $p1 \neq p2$. Estamos no meio desse campo do “physiologique” de um lado, e do “psychologique” do outro, que excluem desde o início a própria possibilidade de uma verdadeira troca comunicativa. Se a língua não fosse mais do que a soma de *n* individualidades, ela não passaria da soma de *n* idioletos, e cada idioleto, por definição, é totalmente incompreensível para aqueles que não o falam. Por este motivo, é necessário abandonar não apenas o “physiologique”, mas também o “psychologique”: a *langue “est à cheval sur des domaines divers (domaine physique, psychique, ou encore: domaine individuel, social)”* (ivi: 212). Permitindo-nos uma conjectura interpretativa, parece claro que Saussure tem a necessidade lógica de distinguir o mental que é interno, individual e privado, do que é externo, social e público; o primeiro é o “psychologique”, o segundo, o “psychique”. É neste último, por exemplo, onde encontramos as entidades linguísticas que compõem o signo: “*dans le centre [...] purement psychique, sont mis en contact un concept verbal et une image verbale*” (ivi: 214), assim como a “*image acustique est à distinguer entièrement du fait non psychique (physique) du son*” (*ibidem*). Voltemos, então, para *p1* e *p2*. Como podem ser entendidos? Na verdade, para Saussure, a língua é um “fait social” (*ibidem*), ou seja, uma **realidade por si só**, com as suas características específicas, assim como o ar que respiramos tem qualidades que não encontramos em seus componentes, nitrogênio e oxigênio. Saussure nos pede para imaginar que a língua é certamente formada a partir dos corpos daqueles que a falam, portanto, sem *p1* e *p2* (e, portanto, sem a faculdade da linguagem que está implícita em seus cérebros) não pode haver L; de acordo, mas do encontro entre *p1* e *p2* vem uma “cristallisation sociale” (*ibidem*) que tem características diferentes daquelas que podemos encontrar na totalidade de seus conhecimentos linguísticos tomados cada um por si.

Há aqui, literalmente, um salto lógico do “physiologique” para o “psychique”: “*la langue [...] échappe absolument à l’individu, elle ne saurait être sa création, elle est sociale de son essence, elle suppose la collectivité*” (ivi: 86). Saussure nos pede para imaginar que - continuando com o exemplo dos dois falantes - da soma de *c1* e *c2* se realize um **sistema** de signos que não tem

localização nem na cabeça de *p1* nem na cabeça de *p2*. O “fait social”, ou melhor, o “fait linguistique” **segue** cronologicamente o encontro de *p1* e *p2*, mas o *precede* do ponto de vista lógico, pois os dois podem se entender não através dos signos da língua (cada um tem apenas seu próprio idioleto, completamente incompreensível para o outro), ao contrário, é porque estão incluídos na **mesma língua** que podem se entender um ao outro. Saussure não explica como a língua pode ser formada a partir dos corpos individuais dos falantes; aliás, é por esta razão que ele não está interessado no problema das origens da linguagem, que sob este ponto de vista não apresenta maiores dificuldades do que a troca comunicativa diária e aparentemente banal entre duas pessoas quaisquer: de fato, “l’essence” dos fenômenos da linguagem “*a toujours été la même, de sorte que c’est une idée très fausse que de croire que le problème de l’origine du langage soit un autre problème que celui de ses transformations*” (Saussure 2002: 159). A fisiologia das línguas é tão misteriosa, se nos é permitido usar um adjetivo tão desafiador, quanto a questão de suas origens: “*il n’y a aucun moment où la genèse diffère caractéristiquement de la vie du langage*” (ivi: 228). O essencial, acrescenta, “*est d’avoir compris la vie*” das línguas. E a “vie” de uma língua segue uma lógica que é diferente daquela que regula as mentes dos falantes individuais dessa mesma língua; não se pode não pensar nessas mentes, mas só elas não são suficientes; nessas mentes não há o que torna a linguagem um “fait social”. No esquema abaixo, tentamos resumir as conclusões a que chegamos:

POTENCIALIDADE BIOLÓGICA	INDIVIDUALIDADE CORPORAL	SOCIALIDADE
«faculté du langage articulé»	<i>parole</i>	<i>langue</i> , «fait linguistique»
	«psychologique», «physiologique»	«psychique»
	«entités positives»	«négativité»
	conceito, privado	significado, intersubjetividade

Fig. 5. A estratificação da atividade linguística

O “fait social” integral é o ponto de partida da filosofia da linguagem de Saussure, é por onde ele começa, é o que explica os fenômenos, não é o que deve

ser explicado. É o que o próprio Saussure define, coerentemente, como “*cercle vicieux fondamental*”, o fato que «*on appelle **forme** une figure vocale qui est déterminée **pour la conscience des sujets parlants***” (Saussure 2002: 49): uma entidade material, por exemplo, a sequência gráfica “alma” não é um signo por si só, mas porque tem um uso determinado em uma comunidade linguística, dentro de uma determinada língua. Isto significa que a *langue* (e aqueles que a falam) vem antes dos signos que a compõem. Mas a *langue*, por sua vez, é formada por signos utilizados pelos falantes, portanto, sem signos não há *langue*. Mas, como acabamos de ver, o contrário também é verdade. A questão da “*langue*”, em qualquer teoria realista da atividade linguística, neste sentido é um axioma, não um teorema. Agora, uma vez que “*le langage joue dans les sociétés humaines un rôle si considérable*”, nos resta explorar quais são as consequências para a “*nature humaine*” (Constantin 2006: 84) do fato de que o pensar, para o animal que fala, para o *Homo sapiens*, é um pensar linguístico (cf. *supra*, Fig. 2).

Um esclarecimento, sobre este ponto, para dissipar mal-entendidos antigos e persistentes. Quando Saussure diz que “*si nous essayons de prendre les significations en elles mêmes en les détachant radicalement du support sonore, du support matériel, on n’est plus dans la linguistique, mais dans la psychologie*” (Constantin 2006: 227), não está de forma alguma argumentando que não existe o pensamento não linguístico; a questão é que este pensamento se enquadra no “*psychologique*”, ou seja, no privado e, portanto, no incomunicável. É o mesmo que acontece nos animais irracionais; o comportamento deles é, sem dúvida, inteligente. O problema não é **se** eles pensam, mas como definir o **que** eles pensam. Eu vejo uma abelha que vai de flor em flor; é claro o que ela está fazendo, e eu também sei porquê ela está fazendo isso, ela está procurando néctar. Mas como saber se a abelha pousa sobre uma “*flor*” ou sobre uma “*rosa*”, ou sobre um “*objeto vermelho*”, ou simplesmente esteja voando até “*a mercearia debaixo de casa*”? Simplesmente não há como saber isso, e esta não é uma dificuldade empírica, uma pergunta que pode ser respondida amanhã por uma experiência conclusiva; é uma impossibilidade lógica, pois não temos como identificar um pensamento a não ser através de sua formulação linguística. A passagem do “*psychologique*” para o “*psychique*” não corresponde à passagem do instinto para o pensamento, mas do que é privado e oculto (e primeiro para quem pensa isso)

para o que é público e comunicável. Um pensamento humano é uma entidade definitiva e comunicável, ou seja, intersubjetiva, porque se baseia na linguagem pública. Para Saussure, então, o não-linguístico existe, e é difícil ver porque deveria negá-lo, mas justamente por ser não-linguístico, não sabemos o que é.

Para compreender a “nature humaine” é necessário, então, partir do “fait linguistique”, porque no “psychologique” existe de fato um corpo que pensa, mas pensa como um gato ou uma borboleta, **não** como um corpo humano. Em vez disso, é somente na língua e no pensamento linguístico que encontramos o pensamento que apresenta as características do pensamento **humano**. O aspecto paradoxal disso, como vimos, é que não corresponde a nada de positivo, como pode ser, por sua vez, um objeto material, uma árvore, por exemplo: “*toute espèce de signe existant dans le langage [...] a une valeur purement [...] non positive, mais au contraire essentiellement, éternellement NÉGATIVE*” (Saussure 2002: 48). Um signo, como vimos na Fig. 4, é identificado não pelo o que é, mas pelo modo como difere dos outros signos com os quais está conectado. O pensamento **humano** é um pensamento linguístico, e o coração deste pensamento é uma pura e absoluta “négativité”. Trata-se de construir uma antropologia a partir deste dado lógico. Vamos voltar ao mundo elementar que imaginamos na primeira seção deste ensaio. Naquele mundo, particularmente o de Bloomfield, há as coisas e há os rótulos que colamos nas coisas (ver Fig. 1). É um mundo simples, como já vimos. Aqui sim que pode haver as entidades positivas, que um signo é uma coisa determinada e subsistente por si só. Em um mundo assim, por exemplo, pode-se distinguir de modo fácil e direto o sentido literal de uma palavra dos seus possíveis sentidos metafóricos: o sentido literal é aquele que se refere ao que a palavra indica. Todos os outros sentidos são metafóricos. Há a coisa, depois o pensamento que lhe corresponde, e finalmente a palavra que corresponde à coisa através do pensamento. Mas este não é o *nosso* mundo.

O objeto, se **pensarmos** nele, o identificamos como **este** ou **outro** objeto: voltando ao caso da abelha e da flor, naquela situação, vemos uma “flor”, ou uma “rosa amarela”, ou o “órgão sexual da planta”, ou o símbolo do “ciúme”, ou outras coisas. Cada palavra ou combinação de palavras é um pensamento, e cada pensamento é uma palavra ou combinação de palavras: “*si un mot n'évoque pas l'idée d'un objet matériel, il n'ya absolument rien qui puisse en préciser le sens autrement que par voie négative*” (ivi: 75). Para **pensar** (não para vê-la) a

“flor” deve ser distinguida da “rosa amarela”, mas também excluir a possibilidade de identificá-la como o “órgão sexual da planta”, ou como qualquer outra coisa:

*nous ne connaissons jamais un objet que par l'idée que nous en faisons, et par les comparaisons justes ou fausses que nous établissons: en fait je ne sais aucun objet à la dénomination duquel ne s'ajoute une, ou plusieurs idées, **dites** accessoires mais au fond exactement aussi importantes que l'idée principale [...]. De telle manière qu'en réalité toutes ces dénominations sont également négatives, ne signifient rien que par rapport aux idées mises dans d'autres termes (également négatifs), n'ont à aucun moment la prétention de s'appliquer à un objet défini en soi, et n'abordent en réalité cet objet, quand il existe, qu'**obliquement**, par at au nom de telle ou telle idée particulière d'où il résultera [...] parce que nous prenons momentanément ici ce fait extérieur pour base du mot, 1° qu'il faudra continuellement changer de terme pour le même objet, appeler par exemple la lumière “clarté”, “luer”, “illumination”, etc., 2° que le nom du même objet servira pour beaucoup d'autres; ainsi **la lumière de l'histoire, les lumières d'une assemblée de savants**. (ivi: 75)*

Se houvesse uma ligação causal entre a coisa e a palavra, seria fácil compreender qual é o seu sentido literal; mas esta ligação direta não há nunca (o *Homo sapiens*, afinal de contas, não significa nada mais do que: não há nenhuma experiência direta e positiva do mundo). **Identificar** e **pensar** um objeto significa pensa-lo **deste** modo e, por conseguinte, não **daquele** ou **de outro**. Por este motivo, “*il n'y a pas de différence entre le sens propre et le sens figuré des mots (o: le mots n'ont pas plus de sens figuré que de sens propre), parce que leur sens est éminemment négatif*” (ivi: 72). Existe um objeto, mas **o que** é este objeto, não é dado a priori a conhecer, como acontece com a abelha em relação à flor, que só tem de entrar nela e procurar o néctar. Ser o animal que fala implica ser o animal que **cada vez mais** tem de estabelecer **o que** percebe e pensa, a começar por si mesmo: a realidade da realidade não é dada, é uma **tarefa**.

Aqui diretamente a lógica se torna antropologia. Porque é **todo** o seu mundo que assume o caráter do **possível**, porque cada pensamento não é, de fato, mais do que **um** pensamento possível porque poderia ter havido outros no seu lugar. Isto significa, de um outro ponto de vista, que com o “fait linguistique”, na vida humana entra a **temporalidade**, pois o tempo é, de fato, o possível que ainda não é, ou o que deixou de ser, o possível que não é mais, que já passou. A “négativité” do fato linguístico despoja o mundo inteiro do animal que fala de qualquer consistência massiva; mesmo os objetos mais sólidos e duráveis perdem toda a positividade. Claro que estão aqui presos firmemente no chão, parecem eternos, mas se começarmos a pensar neles, temos de identificá-los, e então essa

solidez se desmorona definitivamente; é este objeto, e portanto não é este outro, mas então também poderia mudar, poderia não existir mais. O “puissance de la langue” coincide com a sua radical “négativité”: “*on n’empêchera jamais qu’une seule et même chose ne soit appelée selon les cas une **maison**, une **construction**, un **bâtiment**, un **édifice**, (un **monument**), un **immeuble**, une **habitation**, une **résidence***” (ivi: 76). Mas em que sentido, em definitivo, ainda existe “une seule et même chose”? A positividade do mundo desaparece de uma vez por todas, o *Homo sapiens* é na realidade *Homo possibilis*: “*ainsi l’existence des fait matériels est [...] indifférente à la langue. Tout le temps elle s’avance et se meut à l’aide de la formidable machine des ses catégories negatives, véritablement dégagées de tout fait concret* » (ibidem).

REFERÊNCIAS

- BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. London: Allen & Unwin, 1933.
- CHOMSKY, Noam. *Language and Problems of Knowledge. The Managua Lectures*. Cambridge (MASS.): The MIT Press, 1988.
- CIMATTI, Felice. *Il Taglio. Linguaggio e pulsione di morte*. Macerata: Quodlibet, 2015.
- CONSTANTIN, Emile. Linguistique générale. Cours de M. le Professeur de Saussure. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 58, 2006.
- DE MAURO, Tullio. *Introduzione alla semantica*. Bari: Laterza, 1975.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Écrits de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 2002.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Notes préparatoires pour le Cours de Linguistique générale 1910-1911. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 58, 2006a.
- SAUSSURE, Ferdinand de (2006b) [1911]. Entretien avec M. de Saussure, par Léopold Gautier. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 58, 2006b.